CONTROVÉRSIAS ACERCA DO AUTISMO: DISTINTAS ABORDAGENS, ORIGENS E TRATAMENTOS

Gustavo Andriotti Momesso, Isabella Kristina Silva, Marcel Henrique Bertonzzin, e-mail: isabellakris182@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Segundo Vilani e Port (2018) diversas pesquisas em diferentes áreas do conhecimento foram e ainda são realizadas acerca do autismo, todavia, não existe até hoje um consenso entre essas sobre suas origens e cura.

De acordo com o DSM-V (APA, 2014), os critérios diagnósticos para o autismo são: déficits na comunicação e na interação social em múltiplos contextos; padrões restritos e repetitivos de comportamento e interesses, como por exemplo, estereotipias, fixações, hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais, entre outros; sintomas esses que deverão aparecer desde o início da infância e que causem um déficit em seu desenvolvimento.

No campo da psicanálise, essa questão social, segundo Rocha (2002), se refere à uma inexistência do Outro, onde a pessoa autista evita as manifestações externas de terceiros como se não existissem, ou seja, aparentam não escutar voz de quem os fala ou toca, evitando e se excluindo desse tipo de interação social.

Essa inexistência do Outro e deficiências nas interações sociais também são abordadas por diferentes autores. Como exemplo disso, temos Marfinati e Abrão (2014), afirmando que o autismo se dá por conta de um prejuízo na formação do ego, que remete à uma estagnação do desenvolvimento do indivíduo, quando este não tem suas necessidades atendidas, o que resulta numa reação de defesa às experiências advindas do meio e que são vistas com invasoras e que diferem do self concretizado até o momento.

Seguindo esse raciocínio, Lima (2010) descreve o autismo como resultado de um lapso na fundamentação da pulsão no indivíduo. Em outras palavras, para que ocorra a eficaz formação do psiquismo no ser, faz-se necessária uma possibilidade deste realizar suas experiências no mundo. Isso significa que cuidadores que não suprem, dentro do possível, as necessidades fisiológicas e psíquicas da criança, acabam por formar cisões dentro da relação mãe-bebê e suspensão do desenvolvimento psíquico dela. Fica evidente, então, a origem dos sintomas do TEA, quando se trata da inexistência do indivíduo autista para com o Outro ou objetos, afastamento social, déficits na comunicação e simbolização,

além da sensibilidade sensorial exacerbada, tendo como causa a não significação de sensações incompreensíveis com as quais teve que lidar sozinho.

O fato de o DSM-V tratar o autismo como algo orgânico em sua totalidade, faz com que muitas pessoas abordem ou entendam esse transtorno como definitivo e sem solução. Entretanto, descobertas dentro da psicanálise e neurociência fizeram com que essa concepção se alterasse, visto que descobertas mostraram que existe sim uma possibilidade de amenizar a problemática do autismo em determinados casos (JERUSALINSKY, 2015 apud VILANI; PORT, 2018).

Jerusalinsky (2010) afirma que não apenas a carga genética pode influenciar nos transtornos de conduta, como também outros fatores ambientais e psíquicos. Sendo assim, na perspectiva clínica se faz necessária a noção de sujeito no autismo para que seja possível seu tratamento. O autor também afirma que, no tratamento psicanalítico do autismo, não se deve anunciar a incurabilidade baseada na possível causa genética, uma vez que, ao fazê-lo, os pais podem abandonar as chances de construção do sujeito ao cultivar automatismos na criança.

A questão do autismo ainda é desconhecida por boa parte da população. Trata-se de um assunto que ainda necessita de um maior esclarecimento, uma vez que, a parcela de indivíduos cientes sobre o que é esse transtorno possui um conhecimento embasado a partir da definição puramente orgânica advinda do DSM-V. Em outras palavras, esse transtorno se resume muitas vezes como sendo algo imutável e onde ocorre o diagnóstico precoce que cristaliza o indivíduo num estereótipo para a vida toda e traz prejuízos muitas vezes irreparáveis.

Busca-se, portanto, através dessa pesquisa, a minimização desse ideal de fixação e imutabilidade do autismo, visto que é possível um trabalho interdisciplinar sobre este indivíduo e que pode reduzir os comportamentos considerados autistas, desde que seja feito um trabalho precoce e bem estruturado junto a ele.

Por meio desse trabalho, visa-se à ressaltar a importância da realização de um trabalho em conjunto de diferentes áreas de pesquisa para um tratamento eficaz para o autismo, além de analisar como as neurociências e a psicanálise enxergam o autismo, sendo a segunda embasada na influência do ambiente, na influência do pai no complexo de Édipo e no papel materno na constituição do indivíduo, entre outros fatores, bem como

conceber de que forma ambas as áreas podem trabalhar em conjunto no tratamento do autismo a partir da constituição orgânica e psíquica do indivíduo.

2 MÉTODO

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura que, segundo Rother (2007) abrange a discussão do desenvolvimento sobre um assunto específico de forma teoria ou contextual, tendo como objetivo viabilizar, de forma clara e explícita, estudos sobre a visão do autismo pelo viés da teoria psicanalítica, bem como a importância da atuação da psicologia neste contexto. Para tanto, serão utilizados como base textos dos autores Juliana Araújo Ferreira, Jerusalinsky, Frances Tustin entre outros, a fim de discernir as publicações referentes ao tema.

Os artigos utilizados foram escolhidos a partir de uma leitura sistemática com a exclusão dos que não condisseram com o tema, no que diz respeito à abordagem do autismo a partir da psicologia e suas respectivas abordagens e áreas de atuação, com enfoque na teoria psicanalítica, sendo, portanto, descartados textos isentos desta. As demais exclusões foram realizadas pela leitura dos resumos e por leitura completa das referências.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estudos desenvolvidos por Jerusalinsky (2010) mostram que a composição genética de um indivíduo não é única e exclusivamente responsável pela aparição de transtornos de conduta, podendo, assim, estes surgirem também por conta de condições ambientais e psíquicas. Avanços teóricos e tecnológicos na psicanálise e neurociência, respectivamente, são responsáveis por uma quebra na monotonia orgânica descritiva explanada no DSM-V, trazendo, assim, um caráter multifatorial para o conceito do autismo, bem como diferentes maneiras de tratamento dependendo do caso (JERUSALINSKY, 2015 apud VILANI; PORT, 2018).

Partindo do pressuposto de Mahler em 1961, aludido por Ferreira (2014), é imprescindível a relação simbiótica entre a mãe e seu bebê durante a primeira infância, sendo necessário, posteriormente, uma superação dessa para a efetivação da individuação por meio desta separação.

Conforme Theisen (2004 apud VILANI; PORT, 2018), uma criança não nasce como um sujeito introjetado e é o Outro que introjetará o universo simbólico nessa criança e, consequentemente, levará a mesma a adentrar no mundo social e cultural. Entretanto, esse Outro deve ter a consciência de que essa criança tem o potencial para se tornar esse sujeito, bem como deve desejá-la para que isso ocorra de maneira eficaz. Isso significa que o papel materno não se reduz apenas às questões orgânicas de sobrevivência do bebê, necessitando dar um significado aos desejos e atitudes dessa criança para que sua construção subjetiva ocorra adequadamente como sujeito desejante em transição para o meio social.

Jerusalinsky (1984 apud VILANI; PORT, 2018) ainda diz que, caso ocorra um desequilíbrio (podendo ser de ordem psíquica da mãe ou das condições necessárias) nessa relação mãe-bebê e a mãe não consiga realizar tal introjeção, serão manifestados traços autísticos nessa criança.

A consciência inesperada e rígida da irreal continuidade com a mãe faz com que o bebê experiencie isso como um rompimento no seu próprio corpo, principalmente na boca. Como forma de evitar essa situação insuportável, surge uma forma ilusória de bloqueio intransitável contra estímulos advindos do mundo externo, podendo até mesmo ignorar a presença de objetos externos. Essa espécie de encapsulamento o distancia e protege não apenas de estímulos externos, mas também de sentimentos internos descontrolados, fazendo com que, ilusoriamente, mantenha estes dominados e impeça que ameacem sua integridade estrutural (FERREIRA, 2014).

Partindo do exposto por Tustin em seus trabalhos e pesquisas, não existe um único fator unilateral determinante do autismo psicogênico, sendo este resultante de questões multifatoriais que podem originarem do filho, da mãe, do pai e do ambiente, o que somadas resultam nesse problema (FERREIRA, 2014). Em suas próprias palavras, Tustin nos traz: “It’s not a question of apportioning blame but of understanding the facts of the situation.” (TUSTIN, 1972, p. 73).

Os obstáculos referentes à criança se referem à aptidão destas em adquirir os cuidados ofertados. No ano de 1972, Tustin traz ao longo de seu trabalho algumas ocorrências que complicam essa conexão em tenra idade, como por exemplo: deficiências visuais, mentais e intelectuais, contusão cerebral, hipotonia ou atonia muscular, bem como

impedimento emocional. Contratempos inerentes da criança são diretamente afetados e agravados por incapacidades inelutáveis dos cuidadores (FERREIRA, 2014).

Já quando se trata das falhas oriundas dos cuidadores em relação aos cuidados às crianças, destacam-se: insuficiente contato e estimulação desses para com estas, principalmente em ocasiões prolongadas ou uma ocorrência inata dos próprios cuidadores relativa a uma debilitada diferenciação (FERREIRA, 2014).

Essa defesa contra interferências maternas e exteriores à criança sucede em uma interrupção do amadurecimento emocional e intelectual nesses casos, sem que haja perturbação na evolução física das crianças (FERREIRA, 2014).

Pode-se dizer, através disso, que uma figura materna pode não se ajustar a um bebê, mas sim em relação a outro. O que impacta nessa situação não se trata apenas de um único quesito, mas sim de diversas questões como a personalidade materna, o momento de vida dela e suas implicações, maturidade, entre outros fatores citados anteriormente (FERREIRA, 2014).

Entrando no campo científico da Neurociência, nota-se que esta vem trazendo contribuições em relação à descoberta da plasticidade cerebral, o que está diretamente relacionado à necessidade de uma rapidez na identificação de possíveis atrasos no desenvolvimento considerado normal para cada idade. Isso se deve a uma possibilidade de mesmo apresentando os contratempos advindos do TEA, estes podem ser significativamente amenizados, viabilizando a autonomia, aprendizagem e o ajuste ao ambiente. Por esse motivo, é vital a preparação de indivíduos que estão encarregados de cuidar (clínica e família) ou que trabalham com crianças autista, pois a noção dos sinais e a importância da intervenção precoce são essenciais para que a criança tenha um desenvolvimento que condiz com a fase que se encontra e uma melhora tanto na qualidade de vida dela quanto na dos cuidadores responsáveis por ela (MARCO et al., 2021).

Ainda se baseando em estudos da Neurociência, foi descoberto que a razão para a intervenção precoce se dá pelo fato de, em tenra idade, as crianças ainda não apresentam enrijecimento das áreas cerebrais, e isso ocasiona uma adesão maior e mais otimista às intervenções, procedendo em mudanças sinápticas que resultam na evolução daquelas (MARCO et al., 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar como diferentes abordagens científicas podem atuar em conjunto para a ocorrência do tratamento de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. Isso fica melhor evidenciado através do fato de que este não possui uma cura conhecida, mas sim diversos pontos de vista de diferentes autores, o que resultou na modificação da maneira como esse tema é visto, tanto em relação às causas biopsicossociais quanto às maneiras pelas quais os indivíduos acometidos podem ser tratados para minimizar os sintomas sociais e comportamentais advindos do TEA.

Visando à maior eficácia desse tratamento, evidencia-se, por meio dos artigos analisados, que o trabalho multidisciplinar possui um maior impacto, uma vez que diferentes comportamentos podem ser vistos e compartilhados pelas pessoas do cotidiano do indivíduo com TEA e que são responsáveis pelo cuidado e tratamento dele. Ainda sobre essa intervenção, destacou-se através desse trabalho a importância do trabalho precoce nos casos de indivíduos com TEA, uma vez que, dessa forma, os possíveis atrasos causados pelo transtorno podem ser amenizados. Isto é possível graças à neuroplasticidade cerebral, a qual permite que comportamentos e redes sinápticas sejam alterados de acordo com o ambiente e o que este estabelece para a criança, permitindo que o restrito repertório comportamental e social sejam ampliados e, consequentemente, ocorra uma melhoria na qualidade de vida e relacionamentos.

Somado a isso, nota-se, por meio do exposto até então, que o senso comum acerca da etiologia do autismo como sendo apenas geneticamente influenciado é contestado, dado que, atualmente, sabe-se que existe uma questão multifatorial responsável pela instauração do autismo no indivíduo.

Nesse sentido, o presente artigo contribui para a agregação de maiores conhecimentos sobre o assunto, o que permite que tanto os familiares quanto os profissionais encarregados de assegurar um tratamento qualificado à criança possam assim fazê-lo. Ao mesmo tempo em que não existe uma maneira padronizada de tratamento, há um consenso sobre comportamentos e sinais que devem ser observados pelos cuidadores para que seja notado um possível atraso no desenvolvimento de uma criança, possibilitando, assim, a intervenção precoce anteriormente citada.

Mesmo assim, a questão do autismo ainda exige um aprofundamento maior, já que existem questões que não foram sanadas e a todo momento novas descobertas surgem para somar à literatura desse. Não se sabe, por exemplo, se há um caminho possível para

alcançar a cura absoluta do TEA, exigindo, dessa forma, uma continuidade de estudos sobre o tema e que acrescentem informações para além do exposto neste trabalho e em todas as pesquisas sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FERREIRA, J. A. Nomeando o inominável: a evolução das contribuições teóricas de Frances Tustin acerca do funcionamento dinâmico autístico em crianças e adultos. 2014. 156f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2014. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/110676/000779667.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 mar. 2022.

JERUSALINSKY, A. Considerações preliminares a todo tratamento possível do autismo. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 28, n. 61, p. 121-125, abr./jun. 2010. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19695. Acesso em: 20 fev. 2022.

LIMA, R. C. B. Vale a pena correr o risco? patologias da dependência. **Cadernos de Psicanálise**: Ser Psicanalista Hoje, Rio de Janeiro, v. 32, n. 23, p. 167-180, 2010. Disponível em: http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno23_pdf/18-VALE%20A%20PENA%20CORRER%20O%20RISCO_REGINA%20CELI%20BASTOS.pdf. Acesso em: 27 mar. 2022.

MARCO, R L de et al. Tea e neuroplasticidade: identificação e intervenção precoce / asd and neuroplasticity. **Brazilian Journal Of Development**, Curitiba, v. 7, n. 11, p. 104534-104552, 2021. Disponível em: https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/39415/pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

MARFINATI, A. C.; ABRÃO, J. L. F. Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo. **Estilos da Clínica, Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 244-262, ago. 2014. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/83866/86761. Acesso em: 27 mar. 2022.

ROCHA, F. H. Autismo: controvérsias na psicanálise. **Coloquio do LepsiIp/FE-USP**, 4, São Paulo. Anais eletrônicos. 2002. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032002000400007&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 19 fev. 2022.

ROTHER, E T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem Fapunifesp**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/. Acesso em: 15 ago. 2022.

TUSTIN, F. **Autism and Childhood Psychosis**. London: The Hogarth Press. 1972.

VILANI, M. da R.; PORT, I. F. Neurociências e psicanálise: dialogando sobre o autismo. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 130-151, jan./abr. 2018. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/137755. Acesso em: 17 fev. 2022.